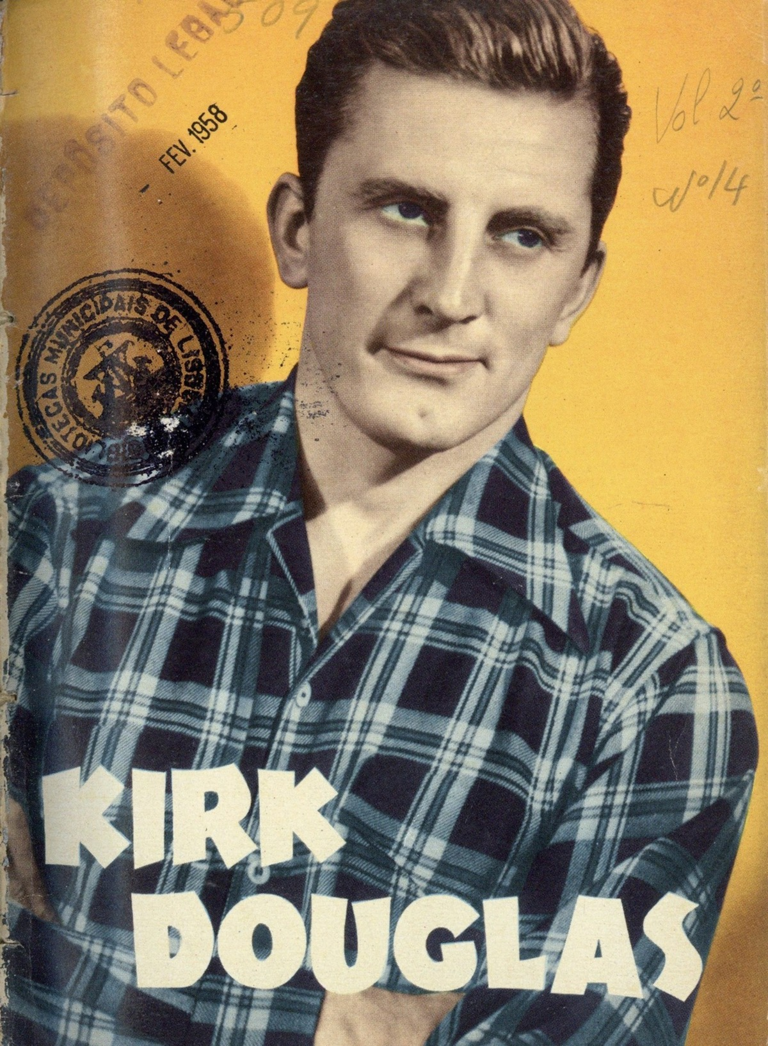

FEV. 1958
KIRK
DOUGLAS

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

KIRK DOUGLAS



A orquestra do «Shraft's Restaurant» desafinava uma musiquita pegajosa quando vários pares foram ocupar as suas mesas, estratègicamente situadas. Desejavam iludir a atenção pública, pois os homens eram fartamente conhecidos. Elas pelo contrário, aspirantes a estrelas de cinema, podiam divertir-se e brincar impunemente.

A velada luz dos candeeiros das mesas dava aos rostos um pouco de irrealidade e mistério, banhando a sala numa grata penumbra.

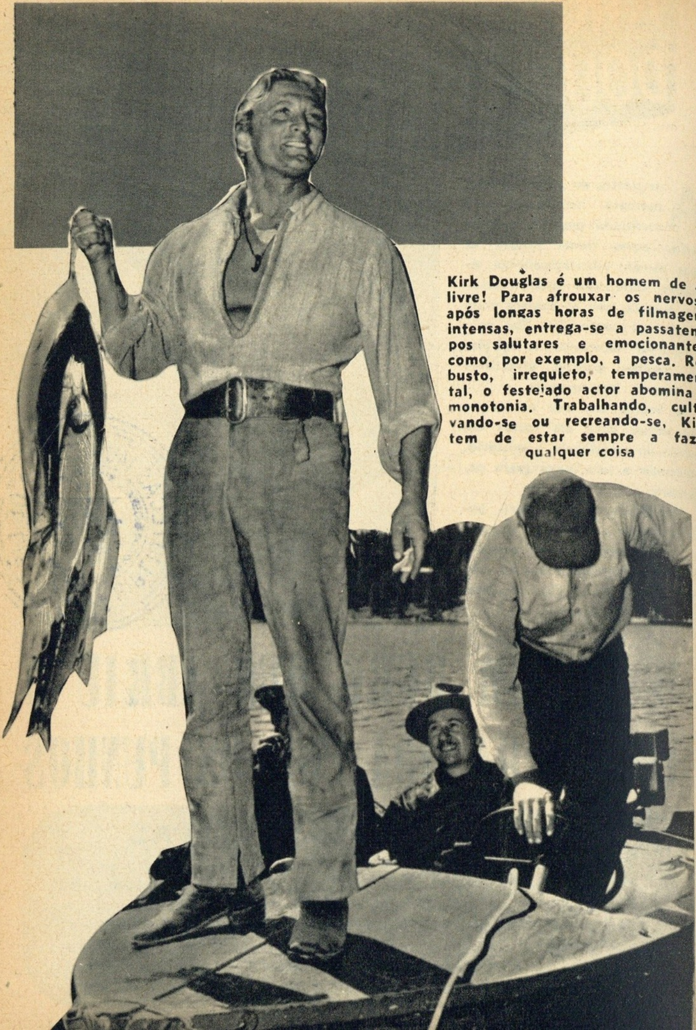
Um criado — boa figura, pupilas trocistas e gestos resolutos — aproximou-se-lhes solicito. Tinha um pequeno bloco na mão esquerda e na direita um lápis pronto a ser usado.

UM HOMEM DURO QUE ABRIU O CAMINHO DA VIDA COM OS PUNHOS

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 14)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/ /668684 — LISBOA (Portugal) — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.



Kirk Douglas é um homem de ar livre! Para afrouxar os nervos,, após longas horas de filmagens intensas, entrega-se a passatempos salutares e emocionantes, como, por exemplo, a pesca. Robusto, irrequieto, temperamental, o festejado actor abomina a monotonia. Trabalhando, cultivando-se ou recreando-se, Kirk tem de estar sempre a fazer qualquer coisa

Apenas esboçara uma pequena reverência, quando os seus olhos se cruzaram surpreendidos, com os olhos de uma das mulheres, e sem que um só músculo da face se contraísse procurou aproximar-se-lhe e murmurar quase junto do seu ouvido:

— Cala-te! Amanhã te explicarei.

Ela ficou com os lábios entreabertos, uma frase em suspenso, tentando aparentar indiferença. No entanto, notaram-lhe uma pequena diferença porque um dos companheiros perguntou:

— Passa-se alguma coisa?

— Oh! Não, não, absolutamente nada.

— Pareces distraída... preocupada...

Rindo mentiu:

— Preocupada quando estou em vias de assinar o meu primeiro contrato?

— O teu primeiro contrato? Tinhas isso muito em segredo — comentou uma das colegas.

— Pois vamos celebrá-lo! — decidiu um dos homens que parecia o chefe do grupo. — Criado, traga umas garrafas de champanhe.

— Champanhe francês! — exigiu outro.

Depois de ter tomado nota de tudo quanto pediam, o criado iniciou a retirada iludindo a atracção daqueles olhos que sentia sobre o seu rosto, interrogativos e assombrados.

— Bonito rapaz, não é verdade? — insistiu o companheiro da rapariga: Lauren Bacall, uma jovem estudante de arte dramática, convertida mais tarde em célebre estrela e esposa de Humphrey Bogart.

— Quê? Que dizias, querido? — interrogou ela, como se voltasse dum país longínquo. — Ah! Sim, sim, referes-te ao rapaz?

Desejoso de agradar, o galã apertou-lhe a mão, perguntando:

— Dançamos?

Lauren correspondeu à suave carícia satisfeita. Saíram para a pequena pista central e esquecendo-se do criado que continuava indo e vindo por entre as mesas, desenvolto, seguro de si mesmo.

Já de madrugada, Yssur Demsky Danielovitch, o criado (Kirk Douglas na actualidade) mudou as suas roupas de criado por outras à paisano e saiu para a rua com ânsias de respirar ar puro. Tinha aspecto de um homem são e forte, optimista. Cumprido o seu turno de trabalho, levava uns dólares no bolso, e sabendo que cada dia que passasse mais alguns levaria. E sentia-se feliz. Caminhando lentamente afastou-se dos bairros elegantes para entrar na modesta pensão onde se hospedava. O quarto privado do mais elementar conforto, fez-lhe notar o inevitável consaço. Meteu-se na cama. Queria pensar no casual encontro com Lauren. O absurdo pedido de silêncio... Lauren... Conheciam-se desde... Oh! não, não... Precisava de recuperar as forças... Os olhos cerraram-se-lhe contra a sua própria vontade... Daí a instantes dormia profundamente.

* * *

Num palco, com cenários de ambiente marinheiro, alunos da Escola de Arte Dramática repetiam infatigáveis as cenas de «Ana Cristie», de O'Neill. Preparavam um espectáculo público e não podiam falhar quando o pano subisse, em frente da espessa cortina de entendidos. Porque mais duma vez em tais exibições surgiram propostas vantajosas.

Yssur, revendo a montagem dos úúltimos quadros, dizia «em mente» o seu papel, que de momento não tinha importância. No entanto alguma coisa interior lhe dizia que o «seu dia» não tardaria em chegar. Queria ser actor. Tinha decidido isso desde menino trabalhando desde sempre para tal fim, como se se tratasse de alguma coisa inevitável e indestrutível.

A aparição duma figura feminina distraiu-lhe a atenção. Lauren subia para o palco. Tinham-lhe distribuido o papel da protagonista. Todos os olhares ficaram pendentes dela, enquanto ela declamava duma forma admirável.

Depois de algumas observações dos professores deram a aula por terminada.

Yssur procurou-a. Poucas vezes tinham trocado palavras amistosamente. Sabiam, no entanto, que uma corrente de simpatia os aproximava desde que começaram os estudos em comum e alegravam-se agora do inesperado encontro no «Shrafft'a Restaurant», porque graças a ele apresentava-se-lhes a ocasião de poderem trocar algumas frases.

— Porque te surpreendeste? — riu Yssur assim que começaram a falar. — Ainda pergunto a mim próprio.

— Já vês, foi um disparate.

— Eu também não tive muito juizo ao impedir-te de exteriorizar o teu pensamento.

— Pois claro, porque isso de estudar e trabalhar ao mesmo tempo num restaurante não é nada de novo. Embora, contigo, nunca suspeitasse que o fizesses.

— Porquê?

— Vejo-te sempre tão bem vestido. Supunha-te rico. Um desses meninos amimados que querem ser actores como poderia ter-lhes dado para explorar poços de petróleo...

Rico, eu? Pois fica sabendo que só conto com o que ganho ali, e com o... Bom, é melhor ignorares como ganho o resto.

— Diz. Gostaria de saber. Não tens aspecto de tímido.

— Tão pouco tu o tens.

— Não o sou, de facto. Propus-me chegar e chegarei depressa ao lado do meu actor preferido.

— Qual é?

— Humphrey Bogart! — exclamou sem hesitar. — Penso trabalhar com ele.

— Dizes isso muito segura.

— E não é só isso. Trabalharei com ele e hei-de fazer todo o possível para o enamorar, pois eu estou doidamente apaixonada por ele.

— Que me contas? — perguntou ele divertido.

— O que ouves. Quero-lhe desde me-



Uma das qualidades que mais se podem apreciar no famoso «astro» da tela é a camaradagem afectuosa que dispensa a todos os seus companheiros de estúdio. June Haver, uma boa amiga de Kirk, desfruta a sua agradável companhia

nina e hei-de casar-me com «Bogie». É o seu diminutivo carinhoso... E tu, não tens noiva?

— Eu... uma vez que não posso contar contigo... Confesso que gosto de uma das nossas colegas de curso.

— Diana! Diana Dill! — exclamou segura.

— Como sabes?

— Deixaria de ser mulher se não o tivesse compreendido. Olhas-a dum modo!

— Pois de facto é Diana. Que achas?

— Óptimo. Pois também é minha amiga, faremos um trio ideal.

Voltando ao tema inicial, pediu, curiosa:

— Anda, conta-me o que fazes para ganhar mais dinheiro. Se me agradar associa-mo-nos. A mim também não me sobra dinheiro.

— Já não o faço. Fi-lo enquanto não arranjei outra coisa que me custodiasse os estudos de Arte-Dramática

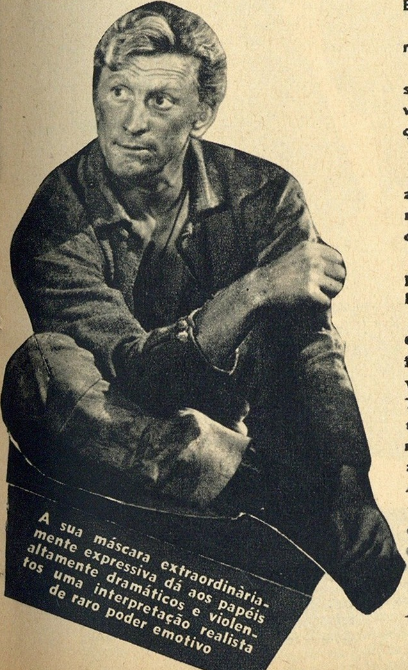
— São assim tão pobres os teus pais?

— Pobres, é pouco. Ouve: vamos por aí e depois sentamo-nos num canto do parque e contar-te-ei a minha vida. Uma vez que temos de ser amigos, é justo que saibas quem eu sou e o que lutei na vida para poder ser alguém.

Caminharam um pouco e depois sentaram-se debaixo duma enorme árvore cujos ramos quase lhes roçava as cabeças.

— Nasci em 9 de Dezembro de 1916 em Amesterdão (Nova Iorque). Meus pais são russos emigrados, e, embora pertencentes à nobreza, chegaram a esta terra unicamente com o que traziam no corpo...

— Agora compreendo! A tua distinção vem da nobreza do teu nascimento. Tens sangue azul nas veias...



A sua máscara extraordinàriamente expressiva dá aos papéis altamente dramáticos e violentos uma interpretação realista de raro poder emotivo

— Obrigado, pequena — riu Yssur. — Não sei se notas que me estás a dizer piropos.

— Entre amigos... Que tem isso! Sei que gostas doutra e não pretendo roubar-lhe o pretendente — lamentou-se ela, fazendo uma graciosa careta.

— Gosto doutra e de ti. Se queres podemos mudar...

— Não, não. Eu pertenço a Bogart...

— Pertences-lhe?

— Bom, hei-de pertencer-lhe! Estou a reservar-me para o apanhar quando se puser no meu caminho...

Entre sorrisos e chalaças o relato de Yssur ia avançando.

— A meu lado cresceram seis irmãs: Ruth, Ida, Fritzie, Marion, Katherine e Betty.

— Como podias entender-te com tantas mulheres?

— Bem o podes dizer! Único varão entre sete saias contando com as da mamã, tocava-me sempre perder, mas às vezes tinha que recorrer à violência.

— Arrancando-lhes os cabelos?

— Ou chegando a haver luta de corpo a corpo... Mas estou arrependido, porque no fundo sou um sentimental, e podes crer que sinto a falta delas.

Ficaram uns breves minutos em silêncio, perdidos na evocação das recordações. Depois continuou:

— Eduquei-me na «Wilbur Lignch High». Quando saí da escola vinha com a fama de forte e de bom declamador. Tinha ganho vários concursos de luta e arte oratória. Também praticava o boxe com boas expectativas. De todos os modos o que me interessava acima de todas as coisas era ser actor. Mas como? Em casa passávamos fome. Aceitei um emprego de vendedor num armazém. Assim que juntei 138 dólares, matriculei-me na «St. Lawrens University» em Canton.

— Gastaste o dinheiro na viagem?

— Não! Para que serve isto, pequena? — interrogou-a batendo com os dedos na



Yssur Demsky Danielovitch — hoje o célebre Kirk Douglas, elogiado pelos críticos e idolatrado pelos cinéfilos — é, por natureza, um folgazão irreverente. Uma boa paródia com uns copinhos de cerveja e uns petiscos saborosos? Contem com o Kirk!... O espírito folião do notável artista excedeu-se, com assídua inclinação para as bebidas alcoólicas, durante a triste fase que se seguiu ao pedido de divórcio apresentado inesperadamente pela sua primeira mulher, Diana Dill

testa. — O que fiz foi arranjar uma passagem gratuita.

— De que modo?

— Encarrapitei-me num camião e deitei-me sobre o tecto... Que viagem maravilhosa! Quando nos aproximámos da cidade, deslisei cuidadosamente, sacudi o pó do fato e encaminhei-me para a Universidade.

Voltaram ambos a rir, com são optimismo da juventude a que nada mete medo.

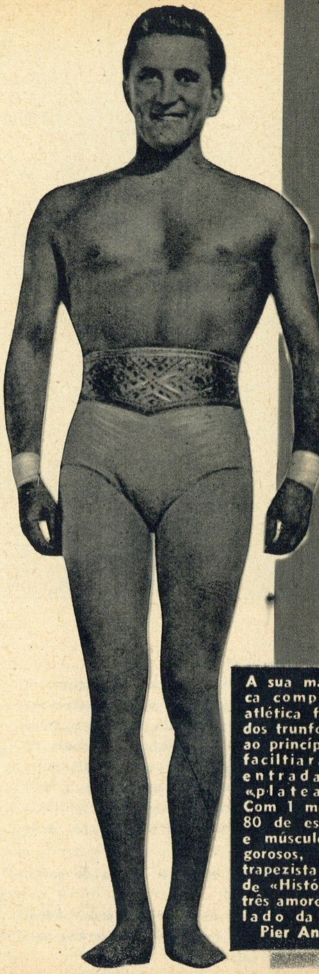
— O meu pequeno capital apesar da economia da viagem esgotou-se depressa. Comecei a averiguar e soube que, praticando desporto, tinha uma posição segura. Solicitei-a e obtive-a, confirmando as minhas possibilidades no boxe. Durante vários anos ostentei o título de campeão de pesos ligeiros universitários, o qual queria dizer em linguagem prática, estudos pagos e comida. Mas não podia viver sem ter uns dólares no bolso...

— De que novo truque te serviste? — perguntou Lauren.

— Não te queria contar, mas já que comecei, vou dizer-to.

— Conseguiste que eu ficasse intrigadíssima.

— Decidi visitar alguns organizadores de combates e oferecer-lhes metade dos meus ganhos, se nos períodos de férias me dessem oportunidade de lutar: «Que pretendes, rapaz?», perguntaram-me sem compreender. «Algo muito simples» respondi. «Os senhores não têm que fazer nada mais do que quando um jogador fica no ringue depois de ter ganho um campeonato, dirigir-se ao público e perguntar se há alguém capaz de desafiar o campeão e subir ao quadrado». «Contrato aceite» responderam de inteiro acordo. Como podes supor o único que se lançava na luta era eu...



A sua magnífica compleição atlética foi um dos trunfos que, ao princípio, lhe facilitiaram a entrada nos «plateaux». Com 1 metro e 80 de estatura e músculos vigorosos, foi o trapezista ideal de «História de três amores», ao lado da frágil Pier Angeli



Ane, a jornalista francesa que devolveu a Kirk a felicidade do lar, tornando-se sua segunda mulher, dá o mais fervoroso apoio à carreira do marido. Ei-la, no «set», ao lado do Kirk e do actor francês Charles Vanel

— Pobrezinho!

— Mais de uma vez fiquei magoado e estendido no quadrado, mas consolava-me com o dinheiro que tinha ganho em troca das madrugadas... As minhas actividades de agora já as conheces. Somos condiscípulos durante o dia e de noite inclino o meu corpo diante dos clientes do «Schrafft's Restaurant» entre os quais te conto desde ontem...

Consultando o modesto relógio de pulso, exclamou:

— Oh! Hoje vou chegar tarde. Adeus Lauren. Desculpa-me! Não me interessa perder aquele emprego...

Ela viu-o afastar-se a correr desalmadamente e apanhar um «bus» com pasmosa agilidade.

— Estupendo rapaz! — exclamou num impulso afectuoso.

* * *

Desde aquelas confidências nasceu entre eles uma amizade firme e desinteressada como nunca tinha suspeitado que pudesse existir, e que perdura através do tempo e das distâncias.

Acostumaram-se a sair da Academia, e discutir as maneiras de sentir da difícil arte de declamar. Ao princípio iam ùnicamente Yssur e Lauren. Mais tarde juntou-se-lhes Diana a quem o futuro actor continuava a amar em silêncio. Lauren actuou como correio, sabendo por intuição que o homem mais audaz e destemido se torna tímido quando o verdadeiro amor lhe entra na alma. E Kirk estava realmente enamorado da encantadora e esquiva Diana, porque não achava ocasião nem maneira de lho dizer.

Lauren, um dia, deixou-os sós. Yssur atrapalhado e tímido (que tinha sido feito do invencível boxeur?), ganhou o primeiro «round» com este elogio:

— Declamas muito bem...

— Tu também.

— Que pensas fazer quando terminares? Cinema ou Teatro?

— O que me oferecerem.

— Não te faltarão ofertas porque além de declamares bem, és bastante bonita.

— Deveras? — perguntou ela um pouco trocista mas satisfeita.

— A mim agradas-me muito... muitíssimo. Quererás sair comigo quando eu tiver folga?

— Pois... sim.

— Obrigado, Diana. Não sabes quanto me fizeste feliz.

Chegou aquela noite. Saíram juntos. Dançaram num clube elegante e acabaram por se beijar. A alegria de Yssur não lhe cabia no peito. Tinha nascido para amar e ser amado. Não lhe bastava a força física, nem a sua indiscutível força de vontade. Precisava além disso da proximidade duma alma feminina, compreensiva e amorosa. Agora possuía ambas as coisas. A compreensão fraterna de Lauren. O amor de Diana, que estava seguro nunca mais poderia esquecer. Faltava-lhe ùnicamente concluir os estudos e ser actor para se considerar vitorioso em todos os terrenos.

Ser actor! Aquilo significava a realização dum sonho largamente acariciado, depois de ter ganho várias etapes da vida qual delas a mais difícil e penosa. De todos os modos era justo reconhecer que em grande parte tudo devia aos seus méritos de boxeur e de formidável atleta.

— Cheguei à glória à «força dos punhos» — dizia repetidas vezes anos depois quando já nada nem ninguém podia negar-lhe o êxito. E na verdade tinha razão.

Saiu da Academia muito esperançado. Um empresário de Broadway ofereceu-lhe um papel na obra intitulada «Spring again» (Primavera), dizendo-lhe ao mesmo tempo que ia trabalhar com Grace George e C. Aubrey Smith.

— Já tenho um lugar, minha adorada Diana! — correu a comunicar-lhe. — Ganharei fama e dinheiro. Podemos casar assim que eu tiver um pouco mais de dinheiro...

Depois quando soube que o seu papel estava reduzido só a cantar, exclamou decepcionado:

— Odeio o canto! Odeio mas aceitarei só até conseguir alguma coisa de melhor.

A «Spring again» seguiu-se a segunda desilusão, ao ter que figurar num drama, em que a protagonista era Katherine Cornell, e o seu papel era ùnicamente para fazer eco. E como nunca se vê um eco, também Kirk Douglas não foi visto por ninguém durante todo o tempo em que duraram as representações. Há um ditado que diz que «à terceira é de vez». A terceira de Kirk foi um contrato para a comédia «Kiss and Tell», que esteve muito tempo em cena e que se tornou num êxito ruidoso.

No entanto o destino por vezes prega as suas partidas. Quando tudo ia de vento em popa estalou a guerra. Teve que alistar-se, e vestindo um fato de marinheiro disse adeus temporàriamente ao teatro, à amiga fraterna e à amada.

— Hei-de escrever-te muito, porque estarei a pensar sempre em ti.

Ela sem tanta veemência — o contraste racial era evidente — despediu-se enternecida:

— Cuida de ti... Volta depressa...

Formando parte duma divisão de caças



Kirk Douglas é um dos temperamentos artísticos mais violentos de Hollywood

submarinos, fez-se ao mar quando Diana fez a sua aparição em cena. Aquele corpo de atleta encerrava afinal um sentimentalão. À força da sua valentia, ganhou uma licença. Correu a buscar a noiva, e de novo voltaram a passear juntos e a reviver os tempos em que andaram a estudar. Incapaz duma nova separação sem a saber sua pelo casamento, casou-se com Diana a 2 de Novembro de 1943, exactamente na véspera de embarcar para o Pacífico, onde a sua unidade deveria tomar parte num dos mais duros combates. Num deles ficou gravemente ferido, pelo que o desmobilizaram.

Já em plena liberdade, reapareceu nos cenários da Broadway.

Diana, a pedido de Kirk, abandonou a carreira artística, para se converter ùnicamente em esposa e mãe.

* * *

Que bem sabia a vida do lar ao nosso homem! Tornou-se mais amável e simpático. Ele mesmo arranjava uma lâmpada, pregava uns pregos, aparecia carregando um novo tipo de aspirador ou uma cafeteira automática.

Depois frequentemente se ouvia Diana exclamar:

— Valha-me Deus! Ficámos às escuras!

Então, andando às apalpadelas, soltava uma das suas ruidosas gargalhadas e ia ao encontro da esposa, beijava-a e suplicava-lhe perdão, e pegando no telefone marcava um número:

— Está! Mande-me um operário! Estamos sem luz!

— És uma criança! Uma criança! Assentarás tu algum dia essa cabeça? Ando em contínuo sobressalto quando estás em casa.

— Preferes não me ver? Então retiro-me — brincava fazendo o gesto de ir-se embora.

— Não vais assim, não é verdade?

— Então não estou elegante?

Kirk tinha vaidade em vestir bem, incluindo mesmo quando estava em casa.

— Demasiado! Gastas um dinheirão nas tuas roupas. Com metade já estarias bem.

—Deixa-me ser vaidoso agora que posso...

—Vamos ter um filho, e tu sabes que eles custam muito caro — admoestava-o, pois estava quase a ser mamã.

— Quando ele chegar eu mudarei! Prometo-te!

Depois pegando-lhe nas mãos, perguntava-lhe:

— Diz-me: estás arrependida de ter-me sacrificado a tua carreira artística?

Diana calava-se deixando os seus olhos responder por ela, no entanto por vezes tinha lamentado ter cedido àquele capricho. No teatro encontrava-se no seu elemento. Gostava dos aplausos do público. A crítica combativa. A inquietante excitação das estreias... Agora... era tudo tão diferente!

O esposo adorava-a, não podia negá-lo. Vivia pendente dos seus desejos e necessidades, mas queria-a em casa. Era um homem mesmo chapado à antiga em certos



Tal como já acontecera durante as filmagens de «Ulisses», Kirk foi obrigado a conservar, por muito tempo, a sugestiva barba que o seu papel de Van Gogh exigiu. Ei-lo, com sua mulher, a jantar num «dancing» de Hollywood, ao lado de Robert Mitchum, amigo íntimo do casal

aspectos. A tradição estava pesava-lhe sobre os ombros.

Adivinhando-lhe os pensamentos, Kirk agradecia-lhe a total entrega com estas palavras:

— Recordar-me-ei sempre. E também te agradecerei sempre. Hei-de adorar-te toda a vida. Sacrifiquei os teus sonhos ao meu egoísmo, mas num lar faz falta a presença da mulher, e sem ela uma casa não me parece um lar. Não posso esquecer-me do passado — confirmava referindo-se ao que vira e ouvira desde pequeno.



KIRK FAZ ESPIRITO...

HAVIA já um bom bocado que Kirk estava a suportar um desses charlatães que se encontram tão amiúde nas reuniões sociais. O homem tinha acorralado Kirk a um canto da sala e falava incansàvelmente de medicina e doenças.

— Disse-me um médico — explicou — que a doença ataca sempre a parte mais débil.

— Eu também o creio assim — apoiou Kirk achando a ocasião de se vingar do maçador. — E a propósito: como vai a sua dor de cabeça?

O actor estava na bicha duma repartição de correios, esperando a sua vez de despachar uma encomenda. Quando chegou ao pé do «guichet», deu um valente pontapé no embrulho qu levava na mão, apanhando-o depois no ar. Depois, dirigindo-se ao assombrado funcionário, explicou:

— Queria só saber se o embrulho resistirá aos maus tratos que irá levar desde agora.

— Meu nobre senhor! Deseja que lhe traga o seu cheiroso samovar? — interrogava maliciosamente a malograda actriz, sentindo que se lhe desvanecia a saudade. E tudo acabava numa amorosa reconciliação...

* * *

Com Michael, o rimeiro filho, que lhes apareceu em 1944, a madureza de Kirk foi ostensiva. Costumava passar as horas de descanso junto da esposa; um livro entre as mãos, clássico ou moderno, pois de todos ele gostava; um disco no «pikup»; ou então a dar uns passeiozitos pela cozinha quando lhe cheirava que lhe preparavam os seus pratos favoritos.

A cegonha fez-lhe uma segunda visita.

— Outro menino! Sinto muito, Kirk! — lamentou-se a mãe, sabendo que ambos desejavam uma menina.

Mas Kirk incapaz de aceitar com um gesto de desgosto tudo quanto lhe viesse de Diana, consolou-a:

— Benvindo seja, amor! Tudo se reduz a esperar mais uns meses... A este vamos chamar Joel. E depois para a menina...

Sentiam-se felizes naquele ano de 1946, porque foi nesse ano que Kirk apareceu na tela. Desde que o licenciaram vinha actuando na rádio e no teatro. Lauren Bacall, a amiga de sempre (já então senhora Bogart como ela tinha previsto nos seus sonhos), desejava introduzi-lo no cinema, onde vislumbrava um amplo campo de acção para Kirk.

Certa noite, quando se encontrava num dos clubes da moda, Lauren dançou com o famoso produtor Hal Hallis. Aproveitando a ocasião perguntou:

— Já ouviste falar num tal Kirk Douglas, um rapaz alto, simpático e bem parecido...?

— Acho que não. Na verdade é a primeira vez que oiço tal nome.

Assombrada exclamou:

— Mas, querido, vives assim tão desactualizado? É o homem do dia!

— Confesso que até este momento ninguém me falou dele. — Parou para reflectir e repetia: — Kirk... Kirk Douglas... Talvez já o tenha ouvido, mas ignoro completamente a pessoa. Quem é? Onde actua!

— Na Broadway, numa obra que está a alcançar um êxito ruidoso.

— «The wind is ninety»?

— Exactamente, «The wind is ninety». Já não está mal, porque estava a pensar que estavas a perder as tuas faculdades de bom caçador artístico...

— Estou tão ocupado...!

— Quando o vamos ver? Digo isto porque seria uma boa aquisição.

— Tu mandas! — exclamou rindo, sem se lembrar das suas ocupações. Acabada a música voltaram para a mesa. Bogart esperava-os bebendo «whisky». Lauren que o tinha ensinado antes de sairem de casa, consultou-o:

— Que te parece, «Boggie», se fossemos ver Kirk? Desejo que Hal o conheça; que o veja trabalhar. Estou convencida que nos há-de agradecer. Não achas o mesmo?

— Acho que sim. Vale muito esse rapaz. Tem talento e condições.

— Então vamos?

Sem ter tempo sequer de dar conta do que fazia achou-se sentado numa cadeira vendo trabalhar o amigo de Lauren.

Terminado o espectáculo dirigiram-se ao camarim. Tinha resolvido ajudá-lo (e não descansaria enquanto não o conseguisse). Apresentou-os. Depois arriscou uma oferta sem dar thempo ao produtor da Paramount. Era a «estrela» do momento e portanto tudo lhe era permitido.

— Hal está muito interessado no teu trabalho e deseja contratar-te — disse.

— Assim é de facto — rectificou o produtor a quem o trabalho de Kirk não tinha desagradado.

— Podiam já fixar as condições se chegarem a acordo... — insistiu a amiga.

Contràriamente ao que todos esperavam, o actor recusou. Lauren estava assombrada. Num aparte increpou-o um pouco



Num aprazível recanto da Provença, em França, onde foram rodados alguns exteriores de «Van Gogh», o tempestuoso actor desfruta momentos de tranquilidade em companhia da sua carinhosa Anne.

irritada, enquanto Bogie os contemplava compreensivo e trocista.

— Tu estás louco? Sabes o que vale uma oferta de Hal? Ou não saberás? Não com certeza, porque senão não recusarias.

— Sim, sei tudo isso, mas não me interessa — reafirmou tranquilamente Kirk.

— Porquê? Não te compreendo...

— A peça está a dar dinheiro e por muito que me tentem não trocaria a emoção do aplauso directo pela fria actuação num «plateau».

— Como queiras — resignou-se — embora eu esteja convencida que muito depressa hás-de mudar de opinião...

Generalizada a conversa voltaram novamente ao assunto. Depois de tê-lo observado minuciosamente Hal sentia-se atraído por aquele mocetão forte, expressivo e sensível...

Disposto a comprazer a estrela num assunto que também o satisfazia a ele, acabou a entrevista oferecendo obsequioso:

— Esperamo-lo com todo o gosto. Quando o julgar oportuno, não tem mais que procurar-me.

Poucos meses mais tarde foi procurá-lo para se certificar se ainda mantinham a oferta, pois o êxito inicial da comédia estreada com os melhores augúrios tinha fracassado inesperadamente. E Kirk tinha esposa e dois filhitos por quem lutar.

A sua atlética figura, e a sua aureola de campeão, encaminharam-no durante alguns anos entre os mais antipáticos «duros». Mas tal antipatia, por contraste, incendiava os corações femininos. «The Strange Love of Martha Yvers» constituíu a estreia de Kirk, ao lado de Barbara Stanwyck e Van Helfin. Bom começo para um actor com ambições! O resultado não se fez esperar. Celebrado pelo público e pela crítica, choveram-lhe desde então vários contratos. Viu a sua imagem reproduzida em todas as revistas e recebeu milhares e milhares de cartas proclamando-o o ídolo das multidões.

Diana lia-as com evidente nervosismo. Quando o esposo a surpreendia em tão aborrecida busca, ela não dissimulava o seu mau humor, atirando-lhe ásperas observações:

— Compreendo agora a tua euforia... Claro... O ídolo! Eu também viveria contente se estivesse no cimo da glória. E pensar eu que poderia ter agora a mesma fama... Pois que o consegui mas por muito pouco tempo... Ninguém pára agora para me dizer alguma coisa, ninguém...

— Ao contrário eu quereria passar despercebido. Ser só para ti... — murmurava-lhe com amorosa condescendência disposto a perdoar-lhe o seu arrebatamento.

— Não mintas: vives do elogio. Como todos. Os cenários envenenam. Tantos anos estudando... Para quê?... Para acabar aborrecida entre as quatro paredes desta casa.

— Parece-te pouco? És a minha esposa e mãe dos meus filhos...

— Também o podia ter sido sem ter passado pela escola de Arte Dramática. Filhos qualquer os tem... Actriz ao contrário, não é qualquer que o chega a ser...

— Nem tão pouco a companheira dum homem que ame como eu te amo.

Ela continuava mal humorada, no lhe querendo dar razão.

— Agrada-me que te revoltes e que protestes... Assim provas-me o teu interesse por este actorzeco que tens por marido... Depressa teremos o mundo rendido a nossos pés; e tu e os nossos pequenos acabareis por celebrá-lo... — profetizou enfático.

Depois não encontrando melhor maneira para a acalmar, recorreu às anedotas, de que costumava ter um bom reportório.

— Ouve isto. Contaram-me num «plateau». Vais rir-te. «Duas mamãs cangurus encontravam-se a conversar quando caíram umas gotas de água sobre a sua pele. Uma das «damas» exclamou, cortando a frase da que falava: Espero que não irá chover pois é terrível ter que suportar os rapazes quando não podem sair para o exterior, para brincar...».

A famosa Gina Lollobrigida está incluída entre os melhores amigos de Douglas. Ninguém melhor que ela aprecia o espírito vivo e a graça espontânea do popular artista, como podemos deduzir por este instantâneo obtido num elegante clube. O Dr. Milko, marido da «vedeta», está com cara de poucos amigos... mas não se trata de ciúmes. Possivelmente, o carneiro estufado não lhe agradou...



KIRK DOUGLAS na *Intimidade*



1

Kirk adora a família e a vida do lar. Depois de horas extenuantes junto das câmaras, nada mais delicioso e repousante, para ele, que um bom sofá para se estiraçar e a presença afectuosa da mulher e dos filhos. Mas as longas ausências a que o cinema o obrigavam motivaram o divórcio. Desse primeiro e infeliz casamento, restaram-lhe estes dois encantadores pequenos.

2

Depois de muitos meses de desolação, em que se votou a uma intensa vida de estúrdia, bebendo desregradamente e acompanhando mulheres que não lhe despertavam qualquer sentimento elevado, Kirk reencontrou-se com a felicidade junto de Anne.

3

A jornalista francesa Anne Buydens, ao contrário da primeira mulher de Douglas, soube identificar-se com o espírito multifacetado do marido e compreender as existências da sua carreira. E um pequenino descendente selou a boa harmonia no novo lar do actor.





Diana não teve outro remédio senão soltar uma gargalhada. Kirk beijou-a e deixou-a tranquila. Até quando?

Ninguém como ele conhecia o entusiasmo daquela companheira de curso para chegar a ser uma excelente actriz. Ninguém, portanto, melhor capacitado para dar valor a tal renuncia.

No princípio tudo parecia correr bem, mas agora que Kirk subia cada vez mais, o caso tomava um aspecto bem diferente. Kirk preocupava-se. Sem conseguir dar com uma solução viável, compensava a esposa, trabalhando preocupado em ganhar dinheiro para lhe dar todo o conforto.

Em pouco mais de dois anos rodou sete películas, assentando firmemente o seu prestígio no ano de 1949 ao lado de Marilyn Maxwell, com «O grande ídolo». Pelo seu prestígio de boxeur, quase em todas as suas actuações conseguiu impor-se — não importa repetirmos uma vez mais — «à força dos punhos». Dando e recebendo boas sovas, tendo depois de consumir bastante arnica e adesivo.

Diana via-o chegar exibindo como se fossem trofeus valiosos, olhos negros e arranhões, pelos quais ao princípio se inquietava mas agora servia-lhe de compensação, para uma infelicidade mais imaginativa do que real.

Kirk escapava-se-lhe das mãos. Pelo menos ela julgava-o assim. Trabalho e glória iam-no roubando pouco a pouco, levantando insensivelmente um muro de incompreensões entre eles. Kirk tentava convencê-la, mais duma vez.

— Nada do que dizem é verdade. Acredita-me amor. Só estou afastado de vocês pelo trabalho. Mas agora que a sorte nos sorri não podes obrigar-me a que renuncie. Quero rodear-te de todo o conforto e luxo. Quero ter dinheiro, muito dinheiro! Para que os nossos filhos cresçam felizes; para que tu não te prives de nada; para...

Diana interrompia-o objectando:

— Preferia tudo como era dantes. Oh, sim, sim, tudo como estava antes! Passa tempo e tempo sem que apareças em casa. Esqueces-me... não me ligas importância... Sim amor! De que servem os teus triunfos se tens de compartilhá-los com outros?

— Que disparates estás a dizer! Fica sabendo que tu e os rapazes enchem completamente a minha vida.

Ela repetia a conhecida cantilena sem atender a razões:

— Por ti renunciei à minha carreira artística. Por ti encerrei-me entre estas quatro paredes. Porque não vens pois com mais frequência para casa? Que necessidade tens de andar por esses clubes dançando com as tuas admiradoras; assinando autógrafos, convivendo com toda a espécie de mulheres, sabe Deus que mulheres, e que intenções elas têm?

— Vem cá ciumenta... Vem cá!

Enquanto a apertava nos braços ela estalava numa crise de pranto, que dissolvia como uma benéfica tempestade a atmosfera densa criada pela discussão. No entanto a dialética de Kirk cada vez resultava menos eficiente do que os seus punhos no ring do «plateau». E quando menos o esperava achou-se com uma demanda de divórcio, entre mãos, assinada por sua esposa.

Alarmado, foi rocurá-la. Parecia-lhe tudo um sonho. Aquela assinatura tantas vezes contemplada com emoção durante os anos de noivado, via-a agora incompreensivelmente estampada no documento oficial. Um documento que nunca suspeitou receber.

— Que significa isto Diana? Quem foi que te aconselhou semelhante disparate?

— É o que vês... Divórcio! Não posso mais!

— Trata-se doutro homem?

— Tu chegaste.

— Se não estás enamorada doutro, tudo se poderá arranjar — suspirou esperançado.

— Diz-me o que desejas e eu tudo farei.

— Já sabes tudo há demasiado tempo, tenho-to dito e repetido. Agora já é tarde!

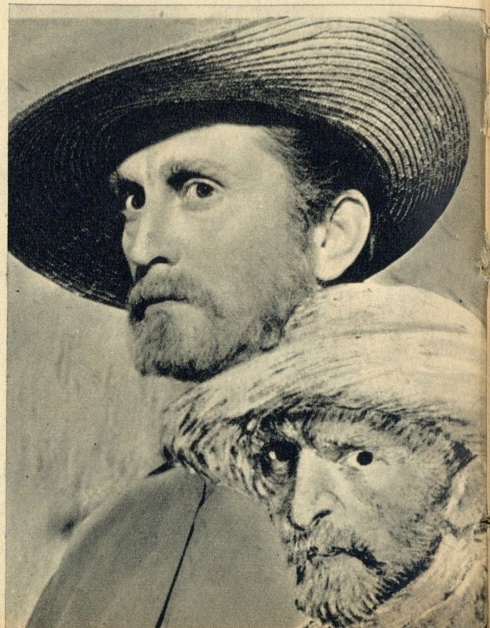
— Nunca é tarde para se fazer uma rectificação...



Kirk é um músico de certo mérito. E um dos seus passatempos predilectos, em casa, consiste em pegar no seu instrumento preferido, o banjo, e deixar-se ficar a dedilhá-lo, durante horas seguidas, recostado num sofá. O seu repertório é bastante extenso, e Anne, sua mulher, adora ouvi-lo, e acha que ele é um grande talento musical.



Kirk Douglas é um actor excepcionalmente estudioso e consciente das responsabilidades que um papel impõe, tanto maiores quanto mais importante for a personagem. Para criar diante das câmaras a figura complexa do célebre pintor holandês em «A vida apaixonada de Van Gogh», Kirk teve um admirável e árduo trabalho de penetração na personalidade de Van Gogh. Repare-se também (foto ao lado) na semelhança física obtida.



— Volta para casa. Renuncia a tudo como eu renunciei. Com o dinheiro que temos podes dedicar-te a outra coisa...

— Estás louca! — gritou enfurecido — O que me propões nunca te poderia dar.

— Então não estranhas a minha decisão. A vida a teu lado converteu-se para mim num verdadeiro inferno. Desejo viver em paz!

— Esperas encontrá-la longe de nós? — arriscou ingènuamente?

— Não digas nós, porque eu vou ficar com os meninos...

— Não farás isso, Diana. Não é verdade que não o farás? — suplicava vencido perante a lógica da mulher. — A casa sem vocês ficará vazia... Não resistirei...

Diana olhava-o impassível. Estava fechada para qualquer concessão. Ciúmes profissionais? Sensação de abandono? Ausência de amor? — perguntava o astro a si próprio. Porque continuava a amar a mulher, que durante os anos de vida de estudante, boémio e difícil, tinha-lhe revelado o verdadeiro sentido da vida. Não, queria divorciar-se. Era um homem que gostava do seu lar, embora as exigências da sua profissão o mantivessem afastado dos seus, por espaços de tempo bastante longos. Precisava da esposa e dos filhos...

Como se ia ele arranjar agora se tão absurdo caso fosse para diante?

No entanto levada pelo rancor e talvez pelo despeito Diana levou o caso àvante até conseguir em 1951 que o juiz falasse a seu favor, concedendo-lhe segundo as suas previsões a custódia dos filhos.

* * *

Pelas ruas de Hollywood passeava um homem dos seus trinta e tantos anos; nos cabelos castanhos viam-se alguns fios brancos; 1 metro e oitenta de estatura; olhos verdes, agudos e um tanto irónicos, às vezes humanizando-se, outras criando profundos abismos de distância; mas sempre apaixonado; e agora desde algum tempo um pouco melancólico... Era conhecido em todos os lados. Era Kirk... Kirk Douglas, embora muito diferente do que estavam acostumados a ver. A crise matrimonial tinha-o afectado bastante, até fazer-se sentir nos três filmes que rodara a seguir. Não conseguia convencer-se da tremenda realidade. Uma verdade muito amarga que o deixou sem família, que é o mesmo que sem lar. Aquela solidão, contra a qual inùtilmente tinha lutado, era-lhe imposta quando os ecrans de todo o mundo lhe davam popularidade. Ironias do destino!

Então, mais necessitado do que nunca de consolo, refugiou-se no álcool. Kirk andava num descalabro que o empurrava para os mais diversos tipos de mulher e de vários temperamentos.

Trabalhou intensamente, com frenética sede de conquista. Cada película merecia-lhe um minucioso estudo da personagem. Para incarnar o «jornalista» do «Grande Carnaval» formou parte do corpo de redactores do «Herald Express», chegando a publicar alguns trabalhos assinados com o seu nome.

— Não me importaria nada de ser jornalista — comentou com os casuais companheiros. — Agrada-me esta profissão e até creio que ela se adapta ao meu temperamento.

— Porque não ficas?

— Porque quando virem a película tenho a certeza de que me repudiavam. De qualquer forma a culpa não será minha mas sim do guião e do director. — Afirmou piscando um olho com malícia.

Também para «Brigada 21» se submeteu a uma severa aprendizagem. Notou que a coisa não podia sair assim sem mais nem menos, desempenhar o papel dum detetive com perfeição se não conhecesse o meio, e por isso daí a dias passou a ser um agente a mais. E certo dia, quando tirava as impressões digitais a um preso, este que era um aficionado do cinema, disse-lhe:

— Você é muito parecido com o actor Kirk Douglas.

— Sim?

— É verdade, muito parecido — afirmou.

Como Kirk se estivesse a rir, bastante divertido, o delinquente arriscou-se a perguntar:

— Não gostaria de ser esse actor?

— Claro porque nessa altura teria um ordenado muito maior.

Simpático, espirituoso, quando a vida lhe sorri, ninguém como Kirk para contar uma graça, ou uma anedota. Embora depois da

crise familiar, lhe fosse preciso uma grande força de vontade para esquecer recorrendo por vezes ao álcool e aos romances amorosos.

— Não. Eu não queria divorciar-me — costumava dizer aos amigos que lhe reprovavam as loucuras. — Mulheres? Ora! Os problemas que elas criam resolvem-se com um par de bofetadas dadas oportunamente. Eu não sou nem mais nem menos que qualquer outro mortal, pois que além de ser actor, tenho um pouco de tudo, incluso o de músico, poeta e louco.

Aparentemente cínico em tudo quanto dizia respeito «à mulher», temos que concordar que as suas palavras, estavam impregnadas de amargura. A amargura da pessoa que tem agarrada ao coração uma recordação triste.

Kirk continuava a amar Diana, apesar de se sentir atraído por Evelyn Keyes, recém divorciada do director Huston. Depois de ter saboreado o amor um tanto maternal da multimilionária Wrightsman. E também apesar de doce romance mantido com Ana Maria Pierangeli. Apesar da frequência com que visitava a jornalista francesa Anne Buydens. A sua vida mundana era salpicada de pequenos escândalos...

Hollywood... Paris... Roma... Roma... Paris... Hollywood... constantes desdobramentos da sua personalidade, à medida que Douglas ia subindo nos meios cinematográficos, até conseguir converter-se no actor mais bem pago do mundo. Se a vida quisesse dar-lhe em amizade o que lhe dava em dinheiro ele seria o homem mais feliz da terra. Depois de um desfile de actores, Gary Cooper, Gregory Peck, Laurence Oliver, chamam-no para interpretar a «Odisseia» com honorários jamais alcançados.

— Quero que em vês de «Odisseia» se chame «Ulisses», para que sobressaia a minha qualidade de protagonista — impõe sem vacilar, porque depois de tantos reveses a vontade tinha-se-lhe endurecido tanto como os músculos.

— «Ulisses»... «Ulisses»... O título definitivo poderia ser então «As aventuras de Ulisses». Parece-lhe bem?

— Conforme. Agora tratemos do ordenado.

Depois houve uma chuva de milhões a saltar de boca em boca, que pasmava todos quantos foram chamados a assistir.

— Cento e trinta milhões de liras pelas dez semanas de rodagem — exige inexoràvelmente.

— Cento e trinta milhões? — Onde iremos nós parar se isto seguir por este caminho? — reclamam os magnates do celuloide, porque sabem que as outras primeiras figuras quererão que lhes paguem equitativamente. Mas em vista de que ele não cede nem um tostão, a cifra fica aceite. Põem-se as assinaturas e Kirk é proclamado o «campeão dos ordenados» como antes tinha sido nas tareias e nos «rings».

Silvana Mangano recebeu cem milhões, Rossana Podestá, Antony Quinn e J. Dumesnil, quantidades que oscilavam entre os quinze e os trinta e cinco.

Kirk, então, deixa crescer a barba. Vive como um autêntico personagem de Homero e dedica os seus melhores sorrisos a Penélope (Silvana Mangano) a Nausiaca (Rossana Podestá), sem deixar de atender a Ana Maria Pierangeli, o seu mais terno e sincero amor, entre os que achou no difícil e turtuoso caminho de divorciado, que não consegue esquecer a recordação da ex-esposa. As noites sob o esplêndido céu romano ajudam a sonhar. Kirk e Ana Maria sonham...

Em «Escândalo na primeira página», película que Portugal verá brevemente, Douglas afasta-se das características habituais das suas interpretações, para nos aparecer comediante notável, ao lado de Susan Hayward.

— Dá-me pena que sejas tão sentimental, porque sinto um grande afecto por ti. No entanto não sou o homem que tu mereces. Não te faria feliz!

— Sou sentimental e romântica.

— Que opinião tens do amor?

— Que dizer amor é o mesmo que dizer dor; são duas palavras que andam sempre unidas — responde como um eco de si mesma.

— Isso é uma grande verdade!

Ambos querem resolver os obstáculos que os separam. Idade, família, formação de carácteres... «O melhor é deixar as coisas como estão, parece reflectir Kirk». E sem forçar o delicioso momento ficam ambos a olhar para as estrelas.

— Não te atraiem — interroga-o a adolescente.

— Sim — afirma sem saber claramente o quê.





A personalidade vigorosa de Kirk amolda-se perfeitamente ao tipo aventureiro do Oeste americano. Filmes como «Homem sem Rumo» e «Duelo de Fogo» constituíram variações singulares de um tema esgotado, graças, entre outros valores, à actuação sempre brilhante de Kirk.

— A mim também, muito — exclama ela num estremecimento que não lhe passa despercebido.

— Sofrerás muito pequena. Eu sei por mim próprio. Deverias mudar de pensar.

— Se dependesse de mim mesma... mas...

* * *

Depois de vários filmes e todos eles de sucesso como por exemplo «Algemas de Cristal», «O Malabarista», «Céu aberto», «História de três amores», «História de um detective», e mais tarde, o explosivo «Ulisses», Kirk passa a ser o homem do dia.

Os admiradores de Kirk Douglas podem escrever-lhe para os estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer — 10202, W. Washington Blvd — Culver City — Califórnia — U.S.A.



Quem o viu em Cannes durante o Festival Internacional de 1953 afirmou que ele «fez o diabo». As suas bebedeiras foram famosas; os seus alardes de despreocupação eram incríveis. Percorria as ruas escoltado por devotados admiradores.

— Estou a aprender o «argot» — desculpava-se perante os amigos. — Gosto de falar com toda a gente. Agora acabei de aprender uma palavra estupenda.

— Qual?

— «Paf»... que significa «ter uns copitos a mais»...

— Não podes continuar assim — costumavam dizer-lhe os amigos.

— Que querem? Deixem-me fazer aquilo que eu tenho na vontade!

— Quando te casas? Fala-se muito do teu casamento com...

—Sim — atalhava com malícia. — Tem-se falado do meu casamento com todas as mulheres livres que saem comigo. Não importa a idade, o temperamento, a cor dos olhos. Mas não façam caso. Penso continuar a divertir-me sem complicar a vida. De resto é delicioso!

Um remoinho de braços arrebatava-o exigindo mais e mais autógrafos, enquanto Kirk condescendente e decidido, aceitava tão desigual combate, encavalita-se em qualquer sítio e suportava estòicamente a avalanche durante horas e horas.

Quando uma crise sentimental consegue suportar o primeiro embate pode afirmar-se já que será vencida. Kirk não constituíu excepção. Ia e vinha a Paris, porque a amizade com a jornalista francesa serenava-lhe o espírito. «És encantadora. A tua



Em 1957, a crítica de Nova Iorque atribuiu os prémios das melhores interpretações a Ingrid Bergman e Kirk Douglas, este pelo seu trabalho em «A vida apaixonada de Van Gogh. Vemos os dois excelentes artistas no momento em que receberam os respectivos galardões.



«Ulisses» e «Van Gogh» — talvez os seus dois mais importantes papéis — impediram-no de fazer a barba durante várias semanas. Kirk é o próprio a exigir que a caracterização seja sempre o mais real possível.

companhia está a tornar-se indispensável. Porque não nos casamos, uma vez que tu também és livre?». Escreveu-lhe de Hollywood assim que soube do divórcio de Anne. Ela pensou. Uns meses depois a encantadora francesa apresentou-se na Meca do cinema. Kirk foi esperá-la. Ia radiante de satisfação, e carregado com um braçado de flores. Dias mais tarde deu um «coktail» em honra da sua amiga. Apresentou-a aos amigos íntimos, aos companheiros e aos produtores. Ninguém no entanto suspeitou de que estivessem a assistir aos princípios dum casamento.

Mas um sábado, dia 29 de Maio de 1954, Anne e Kirk acompanhados dos que iam ser testemunhas, foram de viagem até Las Vegas, como se se tratasse ùnicamente de passar um alegre fim de samana.

Quando regressaram deram a notícia como uma bomba, surpreendendo com ela Hollywood inteira. Estavam casados.

Não houve viagem de núpcias porque Kirk estava a rodar uma fita. Mas houve os preparativos para um novo lar, tão ansiado por Douglas desde que Diana lho roubara.

Actualmente, com aprumo que lhe proporciona a felicidade e com o prazer de um novo descendente, crescem as aspirações de Kirk. Agora parece-lhe pouco o seu papel de ídolo. Aspira a muito mais!

Rico, feliz e experimentado nos negócios de filmes, fundou a sua «produtora» que vive sob o nome de «Bryna Productions». Para esta firma já rodou os filmes: «A vida apaixonada de Van Gogh», «Caçadores de Índios», e tem outro em filmagem, «Os Vickings».

Ele que foi proclamado o «herói do Festival Internacional de 1953» renunciou a concorrer ao de 1955 para não abandonar a mulher que nessa altura estava prestes a ser mãe. Milagre do amor!

Nas horas de ócio...

Um dia nas montanhas

em companhia de uma pescadora-aprendiza (ELSA MARTINELLI)

Kirk Douglas — já o dissemos — sente uma especial atracção pelo ar livre. A atmosfera pura do campo, o afago delicioso do raios solares, e, enfim, todos os encantos inigualáveis da natureza, constituem o mais extasiante ambiente para as suas horas de ócio. Pela breve reportagem que apresentamos, obtida por um fotógrafo de Hollywood nas montanhas de Oregon, podemos vislumbrar como o exuberante «Ulisses» passou um dia agradabilíssimo, em companhia da sugeseiva «estrela» italiana Elsa Martinelli.

O público português já conhece bem esta encantadora rapariga e talentosa actriz — seria possível esquece-la depois de a terem visto em «Drama no Arrozal» — mas justo será registar que foi Kirk Douglas quem a descobriu. Há cerca de dois anos, o famoso «astro», que também é produtor, procurava uma jovem para fazer a protagonista do seu filme «Caçador de Índios». Viu, num «magazine» uma fotografia de Elsa, que nessa altura era um simples modelo, e mandou-a chamar. E certo foi que depois de ter feito testes a cerca de uma centena de raparigas, chegou à conclusão de que Elsa lvava a palma a todas as outras. E contratou-a.

(Segue na pág. 30)



Antes de se decidir a prestar atenção aos ensinamentos do mestre, a bela pescadora-aprendiza aceita, deliciada, a carícia insubstituível dos raios de sol. Em fundo, o verde fresco das árvores espalha um perfume salutar.



KIRK DOUGLAS na tela

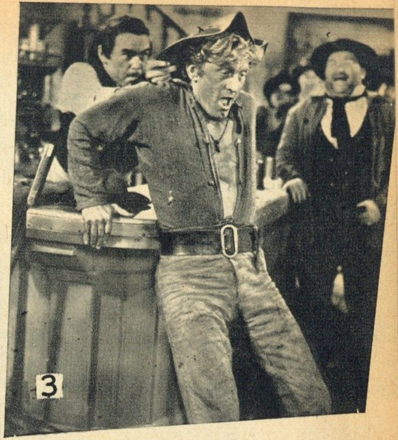






Apresentamos nestas páginas imagens de alguns dos filmes mais representados de Kirk Douglas: 1) «Cativos do Mal» (Lana Turner), 2) «História de três amores» (Pier Angeli), 3) «Caçador de índios», 4) «20.000 léguas submarinas».





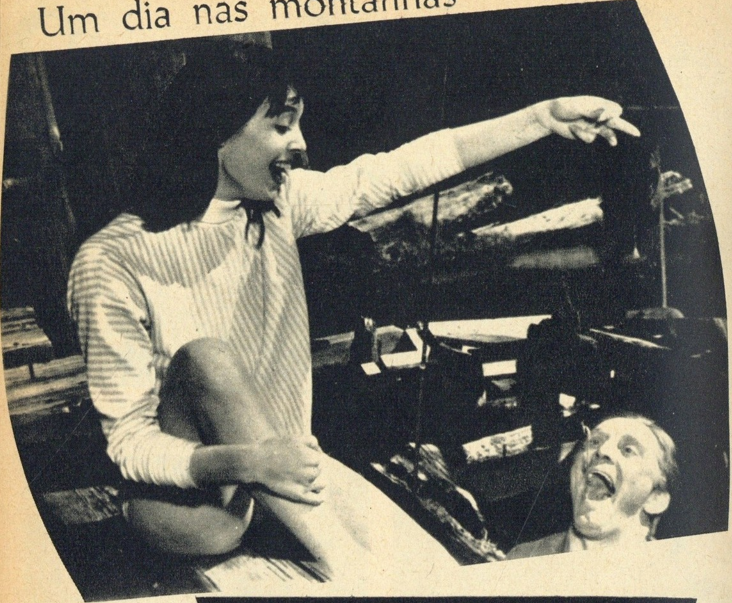




1) «História de um Detective».
2) «Escândalo na primeira página» (Susan Hayward).

3) «Céu Aberto». 4) «A vida apaixonada de Van Gogh».

Um dia nas montanhas



Bem dizíamos nós que o célebre actor corria o risco de ser pescado ... Virou-se o feitiço contra o feiticeiro, e a irresistível pescadora serve-se da aprendizagem para lançar a isca ao próprio professor...

Elsa Martinelli, hoje «vedeta» internacional do cinema, adquiriu o hábito de passar umas temporadas em Hollywood. Por isso Kirk pôde, recentemente, esfrutar o prazer da sua companhia, numa excursão de carácter piscatório às tranquilas montanhas de Oregon. Os rios e os lagos dessa polícroma região são muito procurados pelos fervoresos amadores da pesca, e Douglas, que está incluído nesse grupo, costuma ir até lá, frequentemente, tentar a sua sorte com a linha e o anzol.

Levando consigo tão bela pescadora-aprendiza, o prazer de pescar. Ganhou novos atractivos, e não eboçamos a menor dúvida de que foi um dia em cheio... embora com o risco de ser o próprio Kirk a ser pescado...

Afinal, as lições teóricas falharam pouco na prática. Os peixes daquelas águas serenas, talvez não querendo perturbar o que julgavam tratar-se de um romântico idílio, resolveram afastar-se, e as minhocas presas às pontas dos anzóis não levaram nenhuma dentada. De modo que, ao almoço, em vez dos esperados salmões fritos, Elsa e Kirk tiveram de contentar-se com sandes de carne assada. Mas as horas continuavam a ser maravilhosas naquele cenário impregnado de beleza.





Regresso ao mundo dos automóveis e das casas! As lições podem ter sido proveitosas, mas a pesca foi infeliz. Kirk, decepcionado, recolhe os apetrechos, e Elsa transporta a rede vazia. Vendo bem, quem leva de terra tão graciosa «sereia»... não precisa de trazer da água os insignificantes besugos...



LANA TURNER

uma das «estrelas»
mais refulgentes
de Hollywood

Aparece no número 15

de ALBUM DOS ARTISTAS



N. 14
PREÇO 2$00

